

# Ateliê pedagógico: Formação artística e sensível de futuros professores

Pedagogical Studio: Artistic and Sensitive Training for Future Teachers

Ateliê Pedagógico: Formación Artística y Sensible de Futuros Docentes

**Andrea Penteado (UFRJ-Brasil)**<sup>1</sup>

**Graziella Ferreira de Mello (UFF-Brasil)**<sup>2</sup>

**Isabelle Ribeiro Coutinho (UFRJ-Brasil)**<sup>3</sup>

1 Artista Multimídia. Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Educação e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5139824872092163>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1513-6221>; E-mail: [andrapenteado65@hotmail.com](mailto:andrapenteado65@hotmail.com)

2 Educadora. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Educação pela mesma instituição. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9635270010313855>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9478-9599>. E-mail: [mellograziela@id.uff.br](mailto:mellograziela@id.uff.br)

3 Artista Visual. Mestranda em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9240462473551295>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4749-6042>. E-mail: [isabelleribeiroc@gmail.com](mailto:isabelleribeiroc@gmail.com).

## RESUMO

Este artigo relata as experimentações metodológicas na disciplina de Ateliê Pedagógico para turmas do 2º ano de formação de professores ao nível médio, com ênfase na criação de cadernos de artista como Diários de Bordo. Originado de um diálogo entre três professoras de Arte, a iniciativa visou enriquecer a formação artística, estética, poética e sensível dos futuros professores. Trata-se de uma disciplina nova que começou a ser ministrada em 2022 e cuja ementa abre brechas para a criatividade do professor que irá aplicá-la e é isso que vem sendo desenvolvido. Para tanto, utilizamos as abordagens (auto)biográficas e narrativas, e um aporte teórico diversificado na construção deste texto. Metodologias que não apenas enriquecem a formação artística, mas também promovem sensibilidade estética e poética através dos Diários de Bordo, que não se limitam a registrar eventos objetivos, mas buscam capturar subjetividades observadas, promovendo uma experiência no fazer visual completa.

## PALAVRAS-CHAVE

Diários de Bordo; Formação de Professores; Arte; Experiência; Pedagogia da Arte.

## ABSTRACT

This article reports on methodological experiments in the methodological experiments in the Pedagogical Studio Course for second-year high school teacher training classes, with an emphasis on creating artist journals as Logbooks. Originating from a dialogue among three Art teachers, the initiative aimed to enrich the artistic, aesthetic, poetic, and sensitive training of future teachers. This is a new course that began in 2022, with a syllabus that allows for the creativity of the teacher to implement it, and this has been the focus of development. To achieve this, we used (self)biographical and narrative approaches, along with a diverse theoretical framework in constructing this text. These methodologies not only enrich artistic training but also promote aesthetic and poetic sensitivity through Logbooks, which go beyond merely recording objective events to capturing observed subjectivities, fostering a comprehensive visual creation experience.

## KEY-WORDS

Logbooks; Teacher Training; Art; Experience; Art Pedagogy.

**RESUMEN**

Este artículo relata los experimentos metodológicos en la disciplina del Estudio Pedagógico para clases de formación docente de 2° año de nivel secundario, con énfasis en la creación de cuadernos de artista como los Diarios de Registro. Originada de un diálogo entre tres docentes de Arte, la iniciativa tuvo como objetivo enriquecer la formación artística, estética, poética y sensible de los futuros profesores. Es una nueva materia que comenzó a aplicarse en el año 2022 y cuyo Plan de Estudios abre oportunidades para la creatividad del docente que lo aplicará y es esto lo que se ha estado desarrollando. Para ello, utilizamos enfoques (auto) biográficos, narrativos y teóricos diversos en la construcción de este texto. Metodologías que no sólo enriquecen la formación artística, sino que promueven la sensibilidad estética y poética a través de Diarios de Registro, que no se limitan a registrar hechos objetivos, sino que buscan captar subjetividades observadas, promoviendo una experiencia visual completa.

**PALABRAS-CLAVE**

Diarios; Formación Docente; Arte; Experiencia; Pedagogía del Arte.

Neste artigo, pretendemos apresentar as práticas metodológicas desenvolvidas com cinco turmas do 2º ano de formação de professores ao nível médio, Curso Normal, na disciplina de Ateliê Pedagógico, em uma escola da cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro, durante os anos letivos de 2023 e 2024. A reflexão nasce a partir do diálogo entre duas professoras de Arte que atuam nesta mesma escola e buscam entender o reflexo das práticas desenvolvidas nessas aulas na formação artística, estética, poética e sensível de futuros professores e professoras que atuarão na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Foi a partir de uma roda de conversa online sobre cadernos de artista com Andrea Penteado, em maio de 2023, que surgiu a ideia de explorar mais profundamente na sala de aula a confecção dos cadernos de artista enquanto prática de Diários de Bordo<sup>4</sup> na disciplina de Ateliê Pedagógico. Durante essa conversa, a professora compartilhou um método simples de encadernação, inspirando os participantes a considerar o caderno como uma ferramenta de expressão e documentação visual. Em agosto de 2023, quando iniciamos o terceiro bimestre, implementamos o caderno como trabalho bimestral para duas turmas do 2º ano do Curso Normal.

Inicialmente, a atividade envolveu apenas a confecção dos cadernos. Cada aluno realizou uma pintura, sem saber que essa seria a capa do caderno. Iniciamos pedindo apenas uma pintura abstrata numa folha A3 e apresentando referências de artistas que também eram professores como Fayga Ostrower. Nesse momento, o objetivo era que as turmas entendessem que a produção visual também é uma produção intelectual. Posteriormente, a confecção seguiu com as técnicas de dobra e costura, desvelando o objeto final.



Fig. 1. Isabelle Coutinho, Primeiros cadernos a serem finalizados em 2023, 2023. Fonte: Registros da autora

4 O termo Diário de Bordo será abordado como o registro visual das professoras e professores em formação, relacionando-se às reflexões realizadas no ateliê da escola sobre o cotidiano escolar. O conceito de diário será compreendido e discutido de forma aprofundada posteriormente, no tópico "O ato de fazer à mão."

Essa experiência inicial visava apenas a criação do objeto, sem grandes direcionamentos para o uso do caderno. Havia incertezas sobre a viabilidade de confeccionar um número tão grande de cadernos, considerando especialmente o tamanho das turmas, que ultrapassava de 30 alunos por sala. Contrariando as expectativas e receios iniciais, o resultado foi uma coleção de cadernos muito bonita e interessante. Com cada aluno possuindo seu próprio caderno, optamos por utilizá-los no quarto bimestre. Assim, começamos as propostas das aulas de experimentação de materiais, e essa decisão foi baseada na ideia de que o desconhecimento do uso de materiais artísticos pode inibir os professores de utilizá-los em turmas de crianças pequenas.

O uso dos cadernos de artista como Diários de Bordo permitiu que as professoras e professores em formação experimentassem e documentassem suas interações com diferentes materiais artísticos, ampliando suas habilidades técnicas e fomentando a confiança necessária para aplicar essas técnicas em futuras atividades pedagógicas. Além disso, esse exercício de experimentação e documentação proporcionou uma rica fonte de reflexão e desenvolvimento profissional para as próprias professoras da disciplina de Ateliê Pedagógico. Ao compreender e dominar diversos materiais e técnicas, os professores se tornam mais preparados para criar experiências artísticas significativas e inovadoras para seus estudantes. O Diário de Bordo, a partir da confecção artesanal de cadernos, tornou-se a principal ferramenta metodológica das três turmas do 2º ano do Curso Normal para o ano de 2024.

Para isso, utilizamos uma ancoragem diversificada em pesquisas de abordagens (auto)biográficas e narrativas (Josso, 2001; Passeggi, 2010; Delory-Momberger, 2012, *et al.*), no conceito de experiência segundo John Dewey e Larossa, e dialogamos com James Hillman.

Considerando que os professores em formação vão atuar com as infâncias, se faz necessário ter em vista os princípios éticos, políticos e estéticos oriundos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental (Brasil, 2009), quando pensamos nas propostas a serem realizadas durante as aulas de Ateliê Pedagógico. Partimos da Ementa do Novo Ensino Médio e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que orienta a prática pedagógica na Educação Infantil, para refletirmos sobre nossas práticas como professoras formadoras. Nos dizeres da lei estão definidos três princípios-guias a serem respeitados:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (Brasil, 2009).

Quando concebemos nossas aulas tivemos em vista que ensinar arte é a articulação de três campos conceituais: “a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade” (Martins, Picosque

e Guerra, 1998, p. 13). Assim, compreendemos que, para aprimorarmos a formação dos nossos alunos, é essencial integrar esses campos de maneira harmoniosa.

É importante ressaltar que as práticas de 2024 foram planejadas a partir da ementa da disciplina, que aborda a contribuição dos povos indígenas e africanos na constituição do povo brasileiro, favorecendo o reconhecimento das diferenças como algo positivo e desejável. Esse é um fator fundamental para investigar como promover uma educação inclusiva e multifacetada dentro da cultura visual, utilizando imagens e símbolos como meios de transmissão. Nesse contexto, é essencial reconhecer que, ao longo da história, temos enfrentado anos de negação ou marginalização dessas culturas. Nessas reflexões, examinamos os desdobramentos sociais das leis 10.639 e 11.645 na sala de aula e as reflexões geradas que resultaram na produção visual dos diários de bordo.

Considera-se possível que uma formação que alcance a sensibilidade e permita a percepção, a vivência e a internalização de diferentes meios de produção de conhecimento e a incorporação de expressividades diversas contribua para constituir pessoas com maior capacidade de conviver com diferenças, utilizando para isso recursos próprios, autorais e criativos (Penteado e Cardoso Junior, 2016, p.220).

Como se trata de uma reflexão a partir de uma prática educacional ligada ao campo da arte, trazemos os registros fotográficos de todo esse fazer dos Diários de Bordo. As imagens que acompanham nosso texto dirão sobre os processos e sobre as escolhas pessoais de cada aluno que participou das aulas de Ateliê Pedagógico no ano de 2023 e no primeiro semestre de 2024. Como entendemos que a imagem é uma forma de dizer, optamos em alguns momentos em reuni-las em fotomontagens a fim de garantir a fluidez da leitura.



Fig. 2. Isabelle Coutinho, Experimentações com materiais - giz pastel, tinta guache, colagem no ano de 2023, 2023. Fonte: Registro da autora

A mediação da prática pedagógica na sala de aula para consolidar os conceitos teóricos por meio da experimentação pode ser uma escolha eficaz para garantir que os alunos internalizem suas reflexões, levando em conta a interseccionalidade de raça, gênero, sexualidade e classe, entre outros. Mediar a prática pedagógica na sala de aula para consolidar os conceitos teóricos por meio da experimentação ajuda os alunos a aprenderem não apenas teorias, mas também a problematizarem essas vivências.

Para nos apropriarmos de uma linguagem, entendermos, interpretarmos e darmos sentido a ela, é preciso que aprendamos a operar com seus códigos. Do mesmo modo que existe na escola um espaço destinado à alfabetização na linguagem das palavras e dos textos orais e escritos, é preciso haver cuidado com a alfabetização nas linguagens da arte.

É por meio delas que poderemos compreender o mundo das culturas e o nosso eu particular. Assim, mais fronteiras poderão ser ultrapassadas pela compreensão e interpretação das formas sensíveis e subjetivas que compõem a humanidade e sua multiculturalidade, ou seja, o modo de interação entre grupos étnicos e, em sentido amplo, entre culturas (Martins, Picosque e Guerra, 1998, p. 14).



Fig. 3. Isabelle Coutinho, Registro de reflexões a partir das Leis 10.639 e 11.645 no primeiro semestre de 2024, 2024. Fonte: Registros da autora

É importante frisar que duas das três autoras do presente artigo possuem formação inicial no Curso Normal. Uma fez essa formação em uma escola particular de Niterói, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. A outra estudou na mesma escola pública estadual, na cidade de São Gonçalo, em que hoje lecionam. Esse percurso formativo, enraizado em tradições históricas, provou ser fundamental não apenas durante suas formações acadêmicas na licenciatura em Educação Artística, realizadas na mesma Universidade Federal, mas também para suas contribuições como docentes no mesmo campo. Atualmente, a primeira como doutoranda em Educação, e outra como mestranda em Linguagens Visuais, ambas investigam como as vivências artísticas podem ser um diferencial na formação de docentes, especialmente em um período em que a profissão enfrenta desafios significativos para atrair jovens interessados.

Na perspectiva dessas pesquisas é que a feitura de Diários de Bordo constituiu a metodologia central e o fio condutor da disciplina de Ateliê Pedagógico. O fazer à mão, a experimentação sensorial e motora, estão presentes durante todos os encontros com as professoras em formação. Algumas perguntas nos guiam: qual a importância de futuros professores experimentarem diferentes linguagens visuais? Por que e para que proporcionar vivências onde a criatividade e a arte se façam presentes?

## O ato de fazer à mão



Fig. 4. Isabelle Coutinho, Registro dos passos realizados ao longo das aulas, 2023. Fonte: Registro da autora

Uma capa criada a partir de uma pintura autoral. Papéis dobrados e costurados à mão para o miolo do Diário. Dentro desse caderno cheio de significados, vamos tecendo experiências com diferentes técnicas, onde se revelam as subjetividades de jovens professoras em formação que estão registrando suas reflexões a respeito da carreira docente de maneira visual semana após semana.

Penteado e Cardoso Junior (2016) destacam que a referência para os Diários de Bordo vem dos registros das grandes navegações, agora adotados pelo campo da pesquisa contemporânea, surgindo das práticas metodológicas da pesquisa etnográfica. Eles enfatizam a importância de que o pesquisador registre de forma abrangente e minuciosa sua imersão no campo de estudo, ultrapassando a visão tradicional que limita o registro a eventos objetivos e incorporando as subjetividades observadas. Esses cadernos de acordo com Enciclopédia Itaú Cultural são obras de arte em si, concebidas integralmente em forma de livro. A leitura de um livro de artista não se encerra no deciframento de seu código, pois suas características não verbais, como a materialidade, são tão relevantes quanto o texto escrito.

O livro de artista é uma obra artística intermediária, termo introduzido pelo artista plástico e poeta inglês Dick Higgins (1938-1998). Ou seja, mescla linguagens, técnicas e categorias artísticas, resultando em uma obra interdisciplinar. Ele não é apenas literário ou plástico, não pertence a um só gênero (dramático, lírico ou narrativo), ou a uma só técnica (pintura, gravura, desenho, colagem, fotografia etc.). As possibilidades são limitadas somente pelo desenvolvimento tecnológico e pelas condições técnicas e materiais do artista (Enciclopédia Itaú Cultural, 2024).

Esses Diários são adaptados para o contexto educacional como uma ferramenta para documentar a jornada de aprendizado dos professores em formação. Diferente de um diário tradicional, esses registros vão além de anotações sobre as aulas, encorajando os alunos a capturarem reflexões profundas, questionamentos, ideias emergentes e experimentações artísticas. O anseio é transformar o processo educativo em uma experiência viva e dinâmica, em que cada aluno constrói um registro único de seu desenvolvimento artístico, pedagógico e intelectual.

Ao refletirmos sobre o conceito de experiência nos baseamos nos escritos de John Dewey (2010). O autor se dedicou a desenvolver uma filosofia da experiência e escreveu amplamente sobre tal conceito e sua relação com a educação e com a arte. É de acordo com Dewey, através de uma pedagogia pautada na experiência que tentamos superar o modelo da escola tradicional, à qual ele faz críticas duras, colocando em destaque o que chamou de Escola Progressista. Igualmente, o filósofo reconhece o campo da arte como um campo da experiência totalizadora, envolvendo não apenas todos os sentidos humanos, mas também a razão, a intelectualidade e a capacidade de criar significações. Não iremos nos aprofundar nas definições dadas por Dewey do que seriam a pedagogia tradicional e a progressista neste texto, pois buscaremos manter o foco no conceito de experiência.

O autor enuncia que “toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (Dewey, 2010, p. 122). Com isso, entendemos que a experiência se dá através do contato entre o sujeito e algum ponto/aspecto de seu mundo, logo encontramos questões sociais, espaciais e econômicas a influenciar e modular, direta ou indiretamente, a experiência. Ela não acontece à parte do contexto, em uma subjetividade encapsulada. Ela “tem um lócus objetivo, evocado e perpassado por uma transação entre organismo e meio” (Kaplan, 2010, p. 20). A experiência pertence a alguém, a um sujeito, ela é subjetiva, “é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (Larossa, 2019, p. 40), e, simultaneamente, carrega alguma objetividade, pois os sujeitos estão imersos no contexto que habitam.

Para ter uma experiência singular, genuína, o indivíduo precisa estar envolvido por inteiro no processo e não de uma forma meramente mecânica. A emoção qualifica e consolida a experiência. Nas palavras de Hillman, é o que acontece quando somos atravessados pelo coração, o órgão da percepção e do pensamento, que pode ser deixado de fora da equação de quando falamos e pensamos experiências. A experiência fará com que entremos em contato com a alma do mundo, com a *anima mundi*, pois

[...] a *anima mundi* aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial [...] a alma que é dada em cada coisa, as coisas da natureza dadas por Deus e as coisas da rua feitas pelo homem.

O mundo se revela em formatos, cores, atmosferas, texturas - uma exposição de formas que se apresentam. Todas as coisas exibem rostos, o mundo não é apenas uma assinatura codificada para ser decifrada em busca de significado, mas uma fisionomia para ser encarada. Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem. Elas se anunciam, atestam sua presença: “Olhem, estamos aqui”. Elas nos observam independentemente do modo como as observamos, de nossas perspectivas, do que pretendemos com elas e de como as utilizam. Essa exigência imaginativa de atenção indica um mundo alado. Mais - nosso reconhecimento imaginativo, o ato infantil de imaginar o mundo, anima o mundo e o devolve à alma (Hillman, 2010, p.89-90).

Vivemos numa sociedade onde tudo parece ter que ser feito para ontem, cujo dia parece cada vez mais curto, mais apressado, cujas vinte e quatro horas escorrem por entre nossos dedos como areia da praia, sugerindo a necessidade de estarmos antenados a todo instante com as notícias do que acontece ao nosso redor e no mundo mais remoto. Os aplicativos de celular nos deixam hiper estimulados, excitados, agitados, criam necessidades e nos influenciam a acreditar que precisamos nos aperfeiçoar em muitas coisas, produzir, produzir e produzir: trabalhe e estude enquanto eles dormem, siga na busca pelo sucesso. Porém, quando paramos para analisar, notamos que, apesar de tudo isso, nada nos acontece de verdade. Percebemos que, devido à falta de tempo, a experiência é cada vez mais rara, pois ela necessita do silêncio, da memória, coisas que, devido à velocidade contemporânea, tornam-se cada vez mais escassas em nossas existências. Mas como teremos experiências significativas se achamos que devemos ser pessoas habilitadas à realização de multitarefas? Que tempo dedicaremos a esses processos? Se na educação estamos sempre acelerados, o que nos acontece? Se nosso educando está sempre conectado a um aparelho celular e não ao mundo real, à natureza e ao meio que o cerca, como podemos, nós educadores, proporcionar momentos de experiências significativas a eles?

A experiência é limitada por todas as causas que interferem na percepção das relações entre o estar sujeito e o fazer. Pode haver interferência pelo excesso do fazer ou pelo excesso da receptividade daquilo que é submetido. O desequilíbrio em qualquer um desses lados embota a percepção das relações e torna a experiência parcial e distorcida, com um significado escasso ou falso (Dewey, 2010, p. 123).

Larossa completa essa fala de Dewey quando escreve:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larossa, 2019, p. 25).

Para ter uma experiência, o sujeito necessita estar aberto, disponível, receptivo, atento, e isso demanda parar, dedicar um tempo a esse processo. Como nos diz Larossa: “o sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto” [...] Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ‘ex-põe’” (Larossa, 2019, p. 26). Estando expostos, abertos, receptivos entramos em contato com a experiência e com seu caráter formativo e transformador, pois ela só se configura como tal quando nos passa, nos acontece. Quando o indivíduo estiver aberto à sua própria transformação, ele estará acessível à experiência.

Consideramos, aqui, a experiência, assim como a própria vida, como algo subjetivo, contextual, sensível, finito e que sempre pertence a alguém. Por ser finita cabe entendê-la não pela ação e sim, como nos diz Larossa, pela “paixão; a partir de uma reflexão do sujeito sobre si do ponto de vista da paixão” (Id. *Ibidem*, p. 41). Ao mesmo instante, acreditamos que esse processo deve partir do coração, esse o órgão que, na antiguidade, era ligado à percepção e às sensações promovidas pelos sentidos. A palavra grega para percepção ou sensação era *aisthesis*, que carrega também o significado, em sua origem, de inspirar ou conduzir o mundo para dentro (Hillman, 2010, p.93). Esse conceito antigo de percepção pode ser observado na prática das professoras em formação durante a elaboração de suas reflexões visuais.

Durante a experiência de elaboração dos Diários de Bordo, algumas professoras em formação começaram a utilizar seu tempo livre e as aulas vagas para permanecer no ateliê de Arte e continuar desenvolvendo suas obras. Esse comportamento nos evidenciou um alto grau de engajamento e motivação por parte dos participantes que extrapolavam o horário regular das aulas para prosseguir com o seu processo artístico. Essa dedicação demonstrou a nós o quanto a proposta os envolveu e motivou.

## **Reflexões sobre o vivido**

Buscamos a reflexão sobre as experiências vividas nas aulas de Ateliê Pedagógico e as práticas artísticas desenvolvidas não só como meio de avaliar o processo de ensino aprendizagem. Passado algum tempo da feitura dos primeiros cadernos, solicitamos que duas alunas, que hoje se encontram no 3º ano, revisitassem suas produções e produzissem um breve relato dos atravessamentos e reverberações provocados ao longo do percurso. Dos fios de memória puxados, trazemos abaixo o que elas produziram. Optamos por colocar os textos na íntegra, sem edições e no mesmo formato que elas nos enviaram, juntamente com cada relato estão algumas imagens do caderno produzido pelas estudantes.

Relato 1:

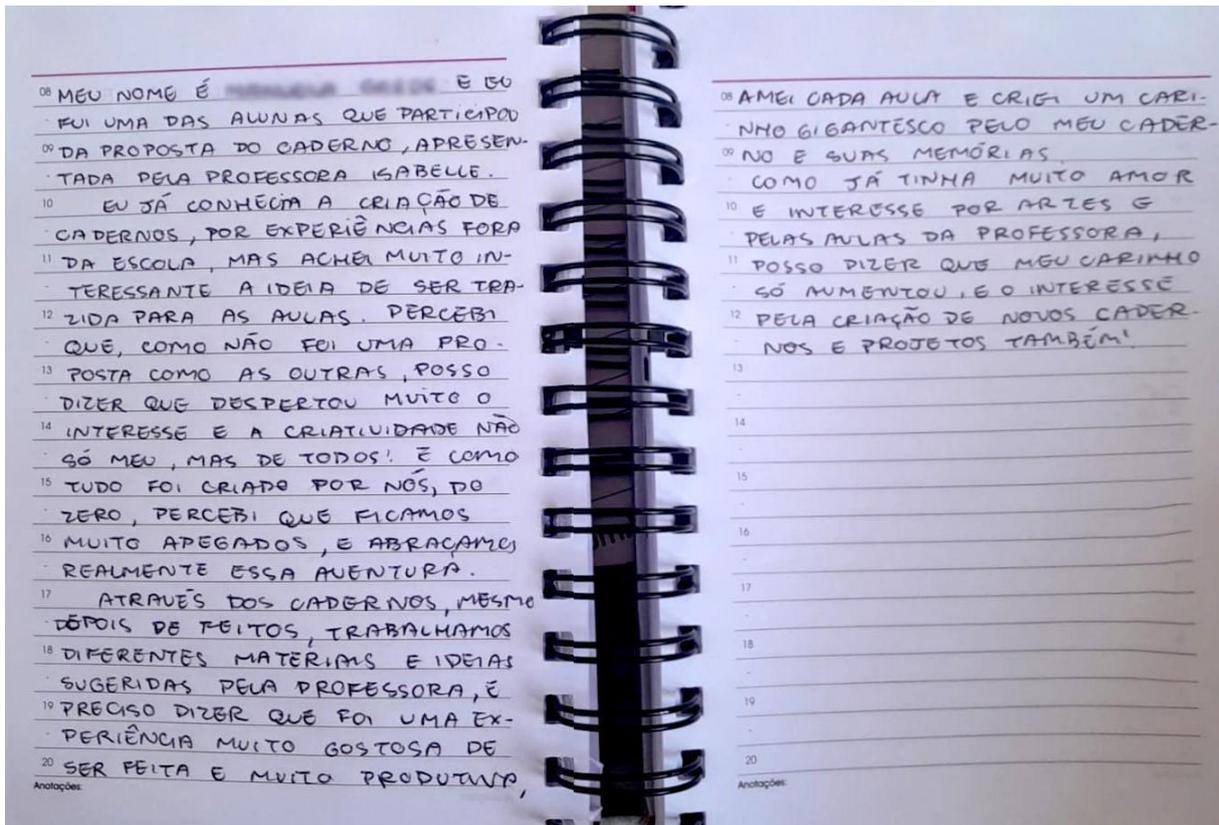


Fig. 5. Isabelle Coutinho, Relato escrito à mão pela estudante, 2024. Fonte: Registro da autora

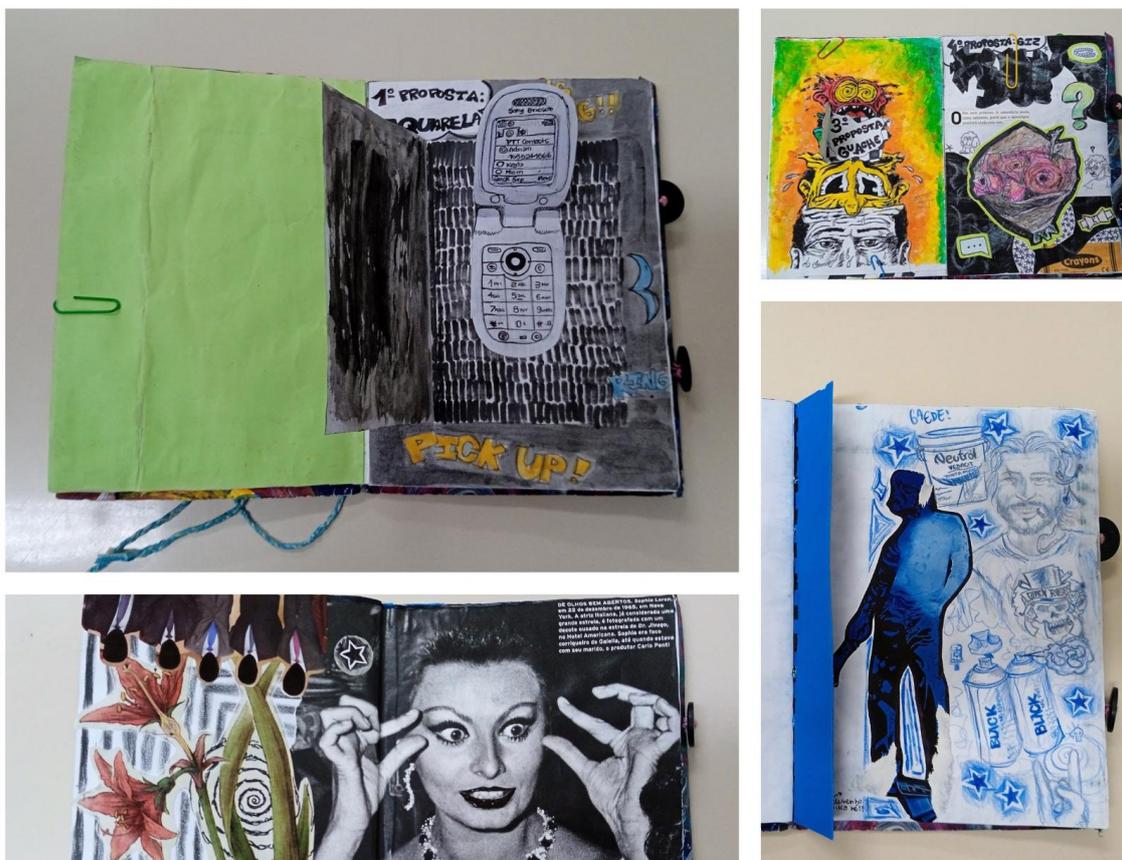


Fig. 6. Isabelle Coutinho, Diário de Bordo da estudante do relato 1 a, 2023. Fonte: Registro da autora



Fig. 7. Isabelle Coutinho, Diário de Bordo da estudante do relato 1 b, 2023. Fonte: Registro da autora

Nas fotografias do caderno conseguimos ver as experimentações feitas pela estudante. Por vezes só o desenho não lhe bastou. Então foi preciso criar algo manuseável, como um convite a quem quer que venha ler seu Diário a experimentá-lo de um jeito outro, diferente do que poderia ser usual. Ela aguça nossa curiosidade ao nos convidar a abrir uma portinhola para, lá dentro, darmos de cara com um desenho de um modelo antigo de celular que também pode ser aberto, para só então descobriremos se chegamos ao fim da leitura desta página de seu caderno. Essa aluna em seu diário requisita nosso tempo: temos de olhar e olhar de novo. Sua produção nos leva diretamente para os mágicos livros de pop-up que outrora líamos em nossa infância.

## Relato 2:

As aulas de Ateliê Pedagógico, bem, elas sempre nos apresentavam propostas de trabalhos bem diferentes. A produção do caderno começou com a confecção da capa. A professora não deu muitos detalhes sobre o que iríamos fazer no futuro com a folha desenhada que tínhamos em nossas mãos, mas aí ela simplesmente falou: “Quem tiver linha de bordado em casa, traga na próxima aula.” Todos se olharam sem entender nada. Linha? Para que linha? Mas, como sempre acontecia, confiamos no processo.

Na aula seguinte, dividimos as folhas de ofício que iríamos usar. Aí já sabíamos que nasceria um caderno daquela ideia (não sabíamos como). Fizemos os furos e começamos a costurar. Foi uma experiência muito boa. Nunca pensei ver meus colegas brigando por uma agulha ou costurando folhas. Para ser sincera, nem me imaginava fazendo o que fiz. Depois encaixamos a capa feita com as folhas que separamos. Cada um fez de um jeito único, seja pela costura, seja pela capa. Não havia nenhum caderno igual ao outro. E, com o caderno pronto, a cada aula fazíamos uma atividade nele. É simplesmente incrível manusear algo que foi feito por você, algo único, que tem a sua cara e suas ideias.

Eu gostei muito da experiência e, em casa, tinha um enorme caderno de desenho que era muito difícil de levar para os lugares, por conta mesmo do seu tamanho. Então, eu destaquei as folhas e fiz um caderno com a mesma técnica que aprendi nas aulas. Agora tenho um caderno de desenho menor que foi feito por mim.



Fig. 8. Isabelle Coutinho, Diário de Bordo da estudante do relato 2, 2023. Fonte: Registro da autora

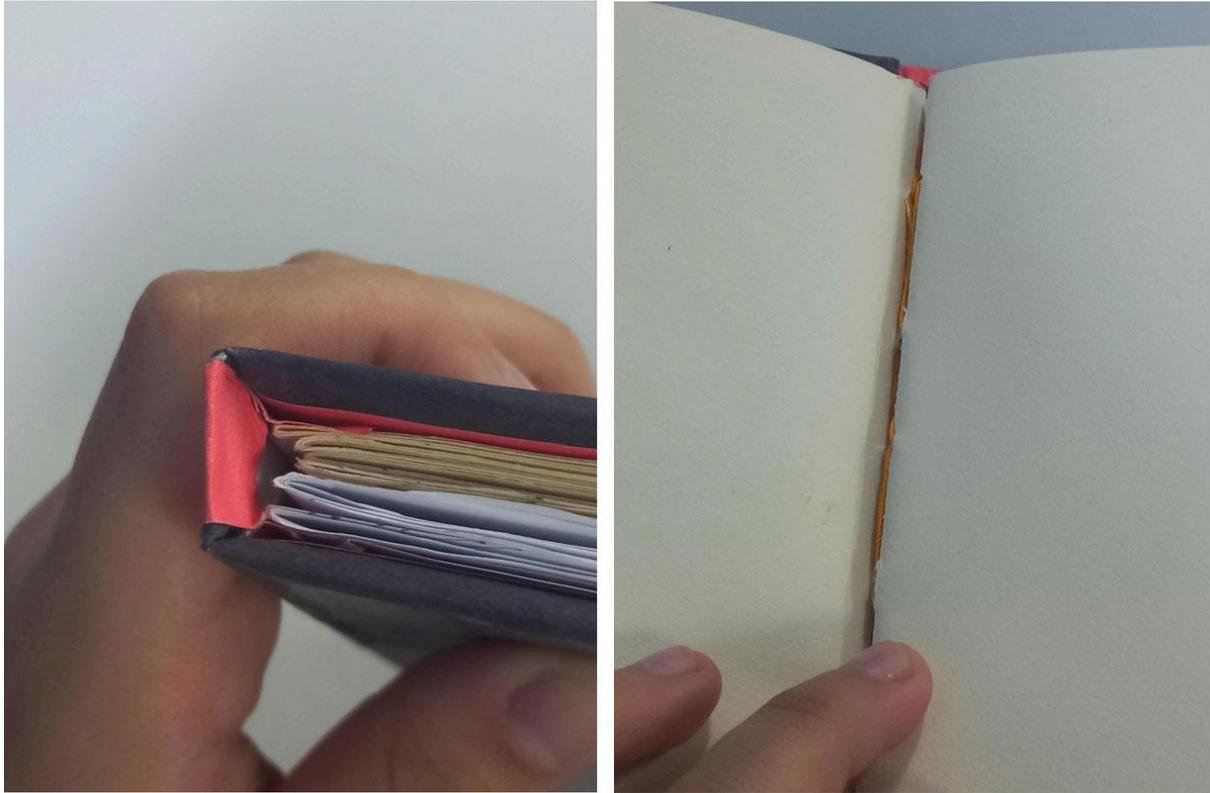


Fig. 9. Isabelle Coutinho. Caderno produzido após o término da disciplina, 2024. Fonte: Registro da autora

Quando revisitadas no presente, as experiências outrora vividas acabam tomando outro formato, com elas aparecem novos sentidos ao mesmo tempo que se possibilita que as estudantes possam ir, com elas, reconstruindo afetos.

É possível que uma formação estética, sensível e criativa venha a permitir aos/as professores/as exercer sua profissão com olhares inovadores, sensibilizando-os para novos significados possíveis à experiência e ao trabalho com os objetos do conhecimento e com os modos de gerar tal conhecimento, através da produção imaginativa, contribuindo para uma formação que visa o protagonismo, a originalidade e novas formas de atuação com a arte na escola (Penteado e Cardoso Junior, 2016, p. 230).

Foi como se estivéssemos convidando-as a olharem para uma parte de sua história com olhos estrangeiros, buscando uma apreciação investigativa dos fatos registrados em suas obras, para que, ao narrarem e falarem sobre si e seus trabalhos, pudessem perceber como aquelas experiências corriqueiras, vivenciadas no dia a dia da sala de aula, foram relevantes para a construção de seus sentidos e sensibilidades, assim como para o encontro delas mesmas com a arte e suas formas de expressão.

A narrativa se constitui como tempo e local de afirmação da experiência. Ela conserva suas forças mesmo depois de muito tempo, não se esgotando e se tornando ainda capaz de possíveis desdobramentos. Podemos nos considerar colecionadores de memórias, assim em nossas coleções selecionamos e armazenamos fatos e fragmentos do passado, de maneira

que ao nos lembrarmos, do que poderia estar ali em nossa coleção esquecido, possamos fazer com que a experiência emerja e provoque em certa medida uma atualização do passado no presente (Mello, 2021, p.82).

A narrativa dessas experiências, que poderiam ser corriqueiras, torna-se relevante para o cultivo dos sentidos e sensibilidades dessas professoras em formação. A personalização de cada caderno, seja pela costura, pela capa ou por seu conteúdo, reforça a importância da individualidade e da expressão pessoal no fazer artístico. Quando a estudante relata cada aula subsequente, percebemos que o uso do caderno se torna uma extensão da experiência criativa inicial. É notável a satisfação desses estudantes ao manusearem algo que foi feito por eles mesmos, destacando a conexão emocional com o Diário de Bordo.

A aplicação prática da técnica aprendida nas aulas em um contexto doméstico, como descrito pela estudante ao transformar um grande caderno de desenho em um menor e mais portátil, nos deixa perceber a transferência de conhecimento e a utilidade prática das habilidades desenvolvidas. Esse aspecto demonstra a potência de uma metodologia que visa não apenas o aprendizado técnico, mas também a aplicação prática e a relevância cotidiana das habilidades adquiridas. Essa potência na qual

criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo' de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (Ostrower, 1978, p. 9).

A experiência educativa no Ateliê Pedagógico enfatizou a inovação, a criatividade e a aprendizagem prática, elementos que estão alinhados com a abordagem pedagógica defendida por Penteado e Cardoso Junior (2016). Ambos reconhecem a importância de práticas sensíveis, criativas e vivenciais na educação, argumentando que essas metodologias não deveriam ser negligenciadas nas salas de aula.

## Considerações finais

Ao final do curso, os Diários de Bordo serviram não apenas como uma ferramenta de avaliação, mas como um registro pessoal da jornada individual de cada estudante-professor em formação. Essa abordagem buscou não apenas educar futuros professores, mas também cultivar hábitos artísticos reflexivos e críticos, capazes de conectar suas práticas com o contexto cultural e social mais amplo. Propusemos momentos de vivências com diferentes técnicas das Artes Visuais, pensando esses momentos como espaço-tempo passível de alargar sentidos e de propiciar um pensar-fazer, em um ambiente de relação dialógica.

Chegamos ao final deste artigo, mas o trabalho com os Diários de Bordo estão apenas começando a germinar, depois das sementes plantadas no ano de 2023 e agora em 2024. As palavras aqui colocadas serviram como uma forma de refletirmos sobre novas metodologias a serem desenvolvidas no contexto de uma disciplina criada para o Curso Normal, a partir da Reforma do Ensino Médio, de 2017. Trata-se de uma disciplina nova, incorporada à sala de aula em 2022 e cuja ementa abre brechas para a criatividade do professor que irá aplicá-la e é isso que vem almejado por nós.

## Referências

BRASIL. **Resolução CNE/CEB Nº 5**, de 17 de dezembro de 2009, estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica, **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.-dez, 2012.

DEWEY, John. **Arte como experiência: últimos escritos, 1925-1953**. Brasil, Martins Fontes, 2010.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: **Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional**, 1988. p.131-153.

ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL. **Livros de artista**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>. Acesso em: 05 mar. 2024.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1991.

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas, SP: Versus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Educa formação, 2001.

KAPLAN, Abraçam, in DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte Autentica Editora, 2019.

MELLO, Graziella F. **No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética**. 2021. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (orgs.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PENTEADO, Andrea; CARDOSO JUNIOR, Wilson. Diários de Bordo e aula-vernissage: experiências estéticas e artísticas na formação inicial de professores de artes visuais e desenho. In: SOARES, S.R.; GARRIDO, E.N.; CORREIA, S.L.A. (Orgs.). **Experiência educativa na universidade: desafio para a formação de profissionais éticos e autônomos**; Série Práxis e Docência Universitária; vol. 5. Salvador: EDUNEB, 2016. p. 219-258.

**Submissão:** 30/06/2024

**Aprovação:** 18/02/2025